

Dossier: Angola

Relações Angola-África do Sul: Cooperação constructiva ou rivalidade prematura?

Gomes Porto

O cenário muitas vezes referido, de rivalidade entre Angola e a África do Sul é irrealista e, pelo contrário, a conjugação de esforços entre os dois países é um interesse comum.

Passaram já cinco meses desde que o “Memorando de Entendimento” pôs termo definitivo ao mais longo, e certamente um dos mais destrutivos, conflito armado na África Austral. No contexto regional, torna-se imperativo avaliar a forma como a situação em Angola tem sido encarada pela África do Sul (RAS).

Embora a mudança de regime na RAS, em 1994, com a ascensão do governo ANC, sob a liderança de Nelson Mandela, tenha aberto um novo capítulo na história das relações bilaterais com Angola, o peso da história recente, aliado à percepção de que a dominação económica sul-africana nestas paragens é imparável, constituem factores estruturantes que explicam o relativo distanciamento entre Luanda e Pretória. Para além disso, é importante salientar que as mudanças que caracterizam a RAS após 1994 afectaram profundamente a formulação da sua própria política externa. Ao novo regime colocou-se imediatamente o desafio de ultrapassar o difícil legado deixado pelo *apartheid*, especialmente no que toca à relação com o resto do continente africano. É neste sentido que iniciativas como a “Renascença Africana”, do então vice-presidente Thabo Mbeki, devem ser entendidas. A adesão da RAS à Southern Africa Development Community (SADC) em Agosto de 1994 permitiu finalmente a integração plena e legítima deste país no processo de integração regional.

A presidência de Thabo Mbeki continuou e fortaleceu esta linha de força, centrada na região, bem como no resto do continente, com iniciativas como a NEPAD, a par com a Nigéria, o Senegal e a Argélia, a transformação da Organização de Unidade Africana na União Africana (UA) e, finalmente, enviando um contingente de tropas para o Burundi. Thabo Mbeki e a sua equipa têm sido especialmente activos na mediação do conflito na República Democrática do Congo, tendo a África do Sul recentemente confirmado a sua intenção em contribuir com dois batalhões para a terceira fase da Operação das Nações Unidas no Congo (MONUC). De facto, e em termos formais, torna-se difícil distinguir

entre algumas destas iniciativas (nomeadamente a NEPAD) e a própria orientação estratégica da política externa sul-africana, especialmente tendo em conta que o governo Mbeki e o Ministério dos Negócios Estrangeiros não produziram, até agora, qualquer documento público neste domínio.

Em relação à situação em Angola, a RAS tem procurado uma maior aproximação entre os dois países. Embora exista especulação relativamente às relações ao mais alto nível, entre os dois Presidentes - que não seriam, de momento, as melhores - várias visitas de altos dignatários sul-africanos a Angola, nomeadamente o Vice-Presidente (Jacob Zuma) e, mais recentemente, o ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros (Aziz Pahad), entre outros, têm contribuído para um melhor relacionamento. No entanto, existe a percepção generalizada de que as relações entre os dois países serão sempre caracterizadas por algum grau de suspeita e desconfiança, nomeadamente que, a médio e longo prazo, Angola e a RAS serão inevitavelmente competidores na liderança económica e política da região. Em grande medida, esta percepção baseia-se na crença de que, em virtude dos enormes recursos naturais existentes em Angola e do seu potencial de desenvolvimento, agora que a paz finalmente chegou, é inevitável que os dois países se encontrem, a médio prazo, em lados opostos. Para além disso, o facto de que as Forças Armadas Angolanas são, inquestionavelmente, as melhor equipadas e treinadas da região contribui para algum mau-estar em alguns círculos em Pretória. As intervenções angolanas no Congo-Brazzaville e na RDCongo são por vezes interpretadas como tentativas de expansionismo regional. As relações privilegiadas entre Luanda, Harare e Windhoek, nomeadamente o Pacto de Defesa existente entre estes três países, representam uma importante clivagem no seio da SADC.

O que estes cenários tendem a minimizar é o facto de, no futuro imediato, e em virtude da enorme disparidade de desenvolvimento existente entre Angola e a RAS, não se colocar realisticamente a hipótese de rivalidade em termos económicos entre os dois países. Angola encontra-se destruída por três décadas de conflito. Fora de Luanda e do seu *hinterland*, o estado das infraestruturas é, no mínimo, desesperante. Os desafios que se colocam a Angola são eminentemente de natureza interna: o processo de paz, a crise humanitária, a reconstrução e reabilitação. Para além disso, a intervenção na República Democrática do Congo foi, acima de tudo, motivada pela necessidade de controlar as linhas de abastecimento da UNITA, durante a “Operação Restauro” e não uma expressão de expansionismo regional.

Pretória considera fundamental o estreitamento das relações com Luanda. Numa recente sessão de esclarecimento sobre Angola, no grupo parlamentar dos negócios estrangeiros, na Cidade do Cabo, Aziz Pahad foi claro em dizer que “Angola é para nós vital” e que “a RAS tem um papel fundamental a desempenhar no actual contexto em Angola”. O Ministro considerou crucial o estreitamento das relações ao mais alto nível mas também entre os vários departamentos e ministérios dos dois países. Neste sentido, afirmou ser importante o desenvolvimento das relações entre Parlamentos, nomeadamente o apoio à Comissão da Paz e Reconciliação da Assembleia Nacional em Luanda. Em termos institucionais, o Ministro considerou que a Comissão Bilateral, cuja segunda reunião está calendarizada para 26 de Novembro, em Pretória, jogará um papel crucial na aproximação dos dois países. Em termos do apoio à crise humanitária que se vive em Angola, Pahad anunciou a criação de uma comissão interministerial, coordenada pelo Ministério de Assuntos Sociais.

Por parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros sul-africano, duas questões são consideradas cruciais no futuro relacionamento bilateral. A importância dada pela NEPAD à democracia e transparência governativa como princípios basilares do desenvolvimento do continente serão postos à prova nas próximas eleições em Angola, que se espera venham a realizar-se em 2004 ou 2005. Para além disso, o facto de Angola assumir a Presidência da SADC nos próximos dias é visto em Pretória como uma oportunidade para um melhor relacionamento bilateral, assim como um barómetro das verdadeiras intenções de Luanda na região.

Em grande medida, a necessidade de um relacionamento construtivo tem sido igualmente resultado do interesse do sector privado sul-africano na reconstrução e reabilitação de infraestruturas em Angola, assim como da obtenção de concessões e contratos em outras áreas de actividade económica. De facto, o interesse por parte do sector privado sul-africano em Angola aumentou exponencialmente nos últimos seis meses. Segundo Aziz Pahad, “estamos convencidos de que o sector privado beneficiará grandemente de parcerias em condições de equidade com empresas angolanas”. Não restam dúvidas de que a RAS se encontra excepcionalmente posicionada para beneficiar das oportunidades existentes em Angola. Contudo, o receio de que a penetração sul-africana em Angola seja dominante face a outros potenciais parceiros não tem fundamento real, face às necessidades enormes que se sentem nesse país. A este respeito, Greg Mills, do Instituto Sul-Africano de Relações Internacionais (SAIIA), faz um oportuno paralelo histórico

dizendo que “as relações entre Pretória e Angola lembram as relações franco-alemãs anteriores à criação da Comunidade Europeia: se é um facto que podem desenvolver-se separadamente, trabalhando em conjunto elas criarão um futuro regional melhor do que a soma das suas respectivas partes”.